

O VÍNCULO TERAPÊUTICO COMO FERRAMENTA CLÍNICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA BASEADA NO PROTOCOLO PRISMA

THE THERAPEUTIC RELATIONSHIP AS A CLINICAL TOOL: A SYSTEMATIC REVIEW BASED ON THE PRISMA PROTOCOL

EL VÍNCULO TERAPÉUTICO COMO HERRAMIENTA CLÍNICA: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA BASADA EN EL PROTOCOLO PRISMA

Caíque Pala Silvestre¹, Angelica Capelari², Valquiria Aparecida Rossi³, Eliana Isabel de Moraes Hamasaki⁴

DOI: 10.54899/dcs.v23i94.6908

Recibido: 17/07/2026 | Aceptado: 07/08/2026 | Publicación en línea: 04/09/2026.

RESUMO

A relação terapêutica é compreendida, na Análise do Comportamento, como um conjunto de contingências de reforçamento social que favorecem a emissão de comportamentos clinicamente relevantes e a mudança comportamental. Realizou-se revisão sistemática baseada no protocolo PRISMA, com busca em seis periódicos (2020–2025), utilizando descritores relacionados ao vínculo terapêutico e intervenção clínica, com critérios de inclusão e exclusão definidos. Dos 79 estudos identificados, cinco foram selecionados. Predominam estudos teóricos e foco na Psicoterapia Funcional Analítica (FAP). Evidenciou-se a relevância da audiência não punitiva, responsividade do terapeuta e influência de variáveis contextuais, como privacidade no atendimento online. Os achados indicam convergência teórica quanto ao vínculo como ferramenta ativa de intervenção, destacando o papel das contingências em sessão e da sensibilidade cultural e funcional do terapeuta. Há escassez de estudos empíricos, indicando necessidade de investigações que analisem diretamente interações terapêuticas e qualifiquem práticas clínicas.

Palavras-chave: Vínculo Terapêutico. Psicoterapia Funcional Analítica. Intervenção Clínica. Relação Terapeuta-Cliente. Análise do Comportamento.

ABSTRACT

The therapeutic relationship is understood, within Behavior Analysis, as a set of social reinforcement contingencies that facilitate the emission of clinically relevant behaviors and

¹ Mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. E-mail: caiquepala@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1484-5975>

² Doutoranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. E-mail: acapelari@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9717-2990>

³ Doutora em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. E-mail: valquiria.rossi@metodista.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3957-9342>

⁴ Doutora em Psicologia Experimental (Análise do Comportamento) pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. E-mail: elianahamasaki@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4880-3190>

behavioral change. A systematic review based on the PRISMA protocol was conducted, searching six journals (2020–2025) using descriptors related to the therapeutic relationship and clinical intervention, with defined inclusion and exclusion criteria. Of the 79 studies identified, five were selected. The literature is predominantly theoretical, with a focus on Functional Analytic Psychotherapy (FAP). Findings highlight the importance of a non-punitive audience, therapist responsiveness, and the influence of contextual variables, such as privacy in online therapy. The results indicate theoretical convergence regarding the therapeutic relationship as an active intervention tool, emphasizing the role of in-session contingencies and the therapist's cultural and functional sensitivity. There is a scarcity of empirical studies, indicating the need for research that directly examines therapeutic interactions and enhances clinical practices.

Keywords: Therapeutic Relationship. Functional Analytic Psychotherapy. Clinical Intervention. Therapist–Client Relationship. Behavior Analysis.

RESUMEN

La relación terapéutica se entiende, en el marco del Análisis de la Conducta, como un conjunto de contingencias de reforzamiento social que favorecen la emisión de conductas clínicamente relevantes y el cambio conductual. Se realizó una revisión sistemática basada en el protocolo PRISMA, con búsqueda en seis revistas (2020–2025), utilizando descriptores relacionados con el vínculo terapéutico y la intervención clínica, con criterios de inclusión y exclusión definidos. De los 79 estudios identificados, cinco fueron seleccionados. Predominan los estudios teóricos, con énfasis en la Psicoterapia Analítico Funcional (FAP). Se evidenció la relevancia de una audiencia no punitiva, la responsividad del terapeuta y la influencia de variables contextuales, como la privacidad en la atención en línea. Los hallazgos indican convergencia teórica respecto al vínculo como herramienta activa de intervención, destacando el papel de las contingencias en sesión y de la sensibilidad cultural y funcional del terapeuta. Existe escasez de estudios empíricos, lo que indica la necesidad de investigaciones que analicen directamente las interacciones terapéuticas y fortalezcan las prácticas clínicas.

Palabras clave: Vínculo Terapéutico. Psicoterapia Analítico Funcional. Intervención Clínica. Relación Terapeuta–Cliente. Análisis de la Conducta.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A relação entre paciente e terapeuta é objeto de estudo da Psicologia desde o surgimento da área como ciência, sendo abordada por Sigmund Freud por meio do conceito de transferência e contratransferência. Freud compreendia a transferência como um fenômeno clínico em que os afetos e desejos inconscientes do paciente são vinculados ao terapeuta. Inicialmente visto como um obstáculo ao tratamento, o processo de transferência passou a ser entendido como um recurso

técnico, que permitia tornar consciente os conteúdos inconscientes do paciente, criando-se a noção de que o vínculo, anteriormente denominado “transferência”, é parte ativa da intervenção clínica da psicoterapia (dos Santos, 1994).

Enquanto a Psicanálise desenvolveu um conceito de transferência como expressão “primitiva” da relação entre o paciente e terapeuta, as primeiras discussões comportamentais de Skinner (1953/2003) concebiam a relação terapêutica como um contexto para aplicação técnica, no qual o terapeuta ocupa uma posição de audiência, não punitiva, que seleciona e modela repertórios verbais ao reforçar determinados padrões de relato e autorreflexão. Ainda que os analistas do comportamento previamente não tenham se dedicado totalmente ao estudo do vínculo terapêutico, entendia-se que a relação estabelecida em sessão era sustentada por contingências de reforçamento social. Delitti (2005) se baseia em Skinner (1953/2003) para enfatizar a relevância da relação terapêutica que deve proporcionar um ambiente não punitivo que favoreça e expressão do cliente.

Ferreira e colaboradores (2016) descrevem a história da terapia analítico comportamental, e nem sempre a relação terapêutica foi uma preocupação. Na época dos modificadores do comportamento, não havia avaliação funcional, apenas a preocupação em atingir as modificações de comportamentos específicos. Porém, como os comportamentos são aprendidos através da relação do organismo com o meio, inclusive a relação entre quem teria o comportamento modificado e o modificador em si, estariam em uma relação social e essa poderia, e deveria, ser analisada. Dessa forma, as contingências de reforçamento social afetam modificadores e posteriormente, terapeutas e clientes.

Baum (1994/1999) define relação como um conjunto de interações regulares entre indivíduos em que há a presença de reforço mútuo, geralmente, reforço positivo, o que faz com a essas interações sejam mantidas. No contexto clínico, temos uma relação muito específica chamada de relação terapêutica. Através dessa relação, o psicoterapeuta em função de conhecimentos teóricos e técnicos, procura criar condições para que o cliente consiga ultrapassar, eliminar, fugir, ignorar, superar (e outros sinônimos) as aversividades pelas quais o cliente vem passando, vivenciando e enfrentando (Kohlenberg & Tsai, 1991/2001; Skinner, 1953/2003).

Santos (2017) descreve a relação terapêutica como a interação entre terapeuta e cliente, e tem como objetivo principal ajudar o cliente a organizar suas ações, pensamentos e sentimentos. Através da formação do vínculo, o cliente passa a revelar informações importantes para o processo terapêutico, emitir comportamentos que pouco são emitidos fora do consultório, pois,

normalmente, causam algum tipo de transtorno, com isso o terapeuta tem a oportunidade de fazer intervenções de acordo com os fatos trazidos pelo cliente e organizar melhor o relato dos comportamentos do cliente.

Segundo Zamignani (2000), o terapeuta também é um indivíduo em interação com o ambiente, sendo influenciado pelo comportamento de quem atende, que funciona como parte de seu ambiente durante a sessão. Ainda assim, essa relação necessariamente se configura de forma desigual, uma vez que é esperado que o terapeuta detenha conhecimento para lidar com as queixas e demandas trazidas pelo cliente.

Silveira e Kerbaux (2000) indicaram que a década de 90 foi criativa no desenvolvimento metodológico e na sofisticação estatística para o estudo da Psicoterapia. Os resultados de muitos estudos teriam indicado: complexidade do relacionamento terapêutico; possibilidade de examiná-lo objetivamente e de utilizá-lo na predição dos resultados da terapia

Para Vandenberghe e Pereira (2005), o vínculo terapêutico pode ser compreendido como a relação interpessoal em que o terapeuta adota uma postura não-punitiva, possibilitando assim que o cliente emita comportamentos que indicam vulnerabilidade, como a expressão de sentimentos, medos e desejos, sem receio de rejeição ou punição. Essa relação se estabelece de forma progressiva e contínua, por meio de episódios em que há o reforço por parte do terapeuta de comportamentos historicamente punidos no repertório comportamental do cliente. No mesmo ano, Delitti (2005) elenca uma série de autores que, já na década de 70, indicavam a importância da relação terapêutica para o processo psicoterápico e para as possíveis mudanças comportamentais.

Ao longo dos anos, a relação terapêutica passou a ser mais do que uma relação necessária para a ocorrência do atendimento, passou a ser objeto de diversos estudos que discutiam a importância, a necessidade, os requisitos no comportamento de terapeutas e de clientes para que o processo terapêutico fosse frutífero e tivesse sucesso de forma generalizada. A partir disso, Kohlenberg e Tsai (1991/2001) argumentaram que a relação terapêutica também deve ser analisada em termos funcionais. Nesse sentido, Brandão (2000) apontou que os sentimentos do cliente e do terapeuta durante a sessão, eram importantes recursos para a análise das relações do cliente fora do consultório. Para Skinner (1953/2003), os clientes buscam em um processo terapêutico o contrário do que vivenciaram no mundo externo: uma audiência não punitiva, um espaço acolhedor, por isso que estar atento aos sentimentos evocados pelos pacientes e promover

uma boa relação terapêutica, é uma das principais tarefas do terapeuta. E sem analisar os seus próprios sentimentos, essa tarefa é inatingível.

Conforme afirma Wielenska (2012), a qualidade da relação terapêutica está diretamente relacionada à adesão ao tratamento e ao engajamento dos clientes nas propostas de intervenção. O terapeuta assume, assim, função de estímulo discriminativo para emissão de comportamentos clinicamente relevantes, que são reforçados em sessão e, posteriormente, generalizados para contextos fora do consultório.

A importância da construção de uma relação terapêutica capaz de promover mudança no comportamento do indivíduo, proporcionando maior qualidade em suas interações intra e extra consultório foi apontada por Santos (2017). Além do conceito de relação terapêutica, outro conceito semelhante é o de aliança terapêutica, definido como mutualidade expressiva de sentimentos e atitudes entre terapeuta e cliente.

Dentro da relação terapêutica, não só o cliente aprende dentro do processo terapêutico, mas o terapeuta também aprende. Cunha e Vandenberghe (2023) listam e discutem diversas habilidades que os terapeutas aprendem na relação terapêutica: a singularidade de cada cliente; a responsabilidade mútua para o processo terapêutico e as próprias limitações enquanto terapeutas.

Baseado no breve levantamento apresentado sobre o conceito e as investigações sobre relações terapêuticas, o presente trabalho tem como objetivo uma revisão sistemática de trabalhos que apresentem variáveis que interferem na formação e na manutenção das relações terapêuticas e a importância, e interferência dela nos processos psicoterápicos. Essa revisão foi realizada na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC); Perspectivas em Análise do Comportamento; Revista Brasileira de Análise do Comportamento (REBAC); Behavior and Philosophy; Acta Comportamentalia e Behavior and Social Issues, a relação aos artigos publicados nos últimos cinco anos (de 2020 a 2025).

MÉTODO

O método escolhido para a presente revisão é baseado nas diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). Tendo sua atualização mais recente em 2020, o protocolo foi desenvolvido para promover mais reprodutibilidade e confiabilidade nas análises e conclusões apresentadas, descrevendo de forma clara e detalhada o método de levantamento e resultados do processo (Page et al., 2022).

O Protocolo PRISMA garante que qualquer leitor entenda como a revisão foi conduzida, quais decisões foram tomadas ao longo do processo de revisão, facilita a replicação da revisão no futuro, pelos mesmos autores ou por pares, adere aos padrões normativos de submissão de trabalhos para a maioria da produção científica e aumenta o impacto científico da pesquisa, uma vez que melhora a qualidade do estudo, aumentando as chances de citação e notoriedade para pesquisadores do tema (Galvão et al., 2015). Seis etapas gerais foram realizadas no processo de revisão:

1) Definição da pergunta de pesquisa

Para estruturar a pergunta, foi utilizada a abordagem PICOS (População, Intervenção, Comparação, Desfecho e Tipo de Estudo), garantindo que os objetivos da revisão fossem claros. Considerando a importância do vínculo para a eficácia terapêutica, a pergunta de pesquisa para esta revisão foi definida com o objetivo de explorar, analisar e entender como o vínculo terapêutico pode ser utilizado como uma ferramenta direta para promover intervenções e mudanças no contexto clínico.

2) Desenvolvimento da estratégia de busca

A estratégia de busca tem como objetivo principal identificar a literatura relevante sobre a relação terapêutica como ferramenta de intervenção na terapia analítico-comportamental. Os termos de pesquisa utilizados foram “vínculo terapêutico”, “aliança terapêutica”, “relação terapêutica” e “intervenção clínica”. Para garantir qualidade e abrangência em resultados, foram utilizados operadores booleanos (AND, OR e NOT) e filtro específico para artigos publicados nos últimos 5 anos.

3) Critérios de elegibilidade e de exclusão

Foram incluídos estudos publicados entre 2020 e 2025, em português, inglês ou espanhol, que abordassem o vínculo terapêutico como instrumento de intervenção clínica. Foram excluídos artigos que abordaram o vínculo como fator colateral, sem considerá-lo parte da intervenção, bem como dissertações ou textos opinativos sem base empírica ou revisão sistemática. Também foram excluídos da revisão estudos que envolvem terapias medicamentosas ou procedimentos voltados para a medicina.

4) Seleção dos estudos

A seleção dos estudos foi feita em duas etapas: inicialmente, os títulos foram avaliados e, em seguida, os resumos, em busca de informações potencialmente relevantes. Após essa seleção, os textos completos, que passaram da primeira etapa, foram analisados de acordo com os critérios

de elegibilidade, com possíveis divergências ou não preenchimento dos critérios em sua totalidade avaliados em consenso pelos autores.

5) Coleta de dados

Os dados extraídos de cada estudo incluíram: autores, ano de publicação, país de origem, tipo de intervenção, principais resultados e conclusões sobre o uso do vínculo como ferramenta clínica. Os dados coletados foram organizados em planilha, a fim de facilitar a comparação entre eles.

6) Síntese dos resultados

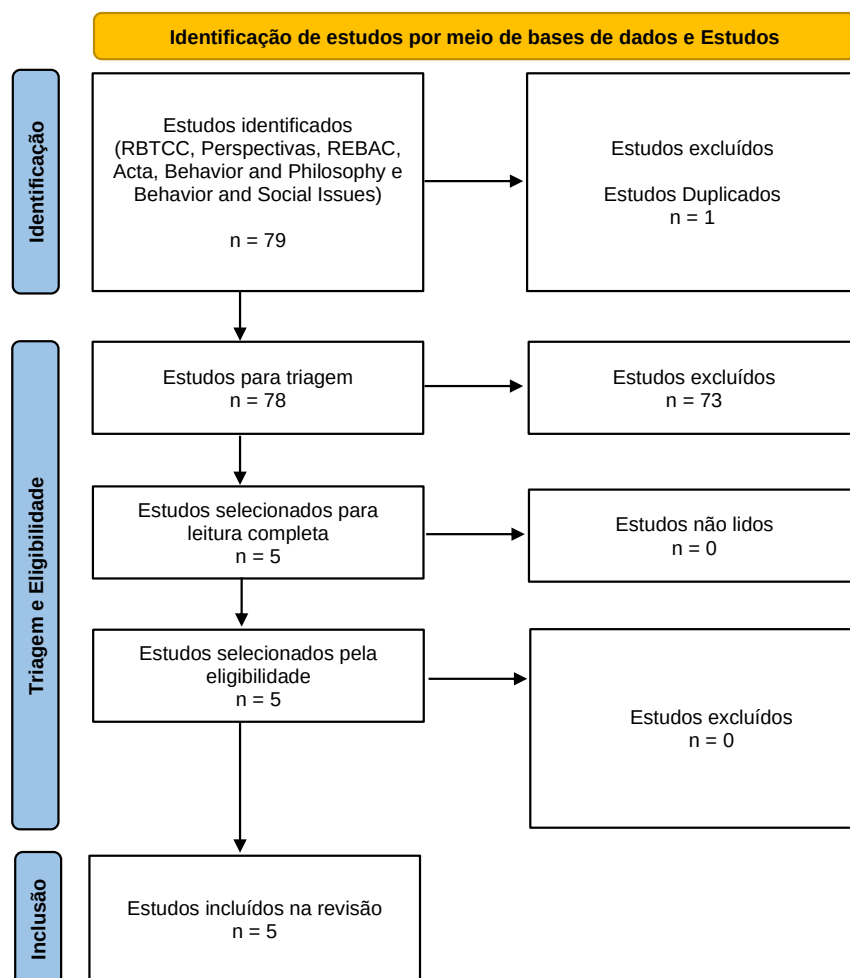
Os dados coletados foram agrupados em síntese qualitativa, conforme suas abordagens teóricas e a forma que o vínculo terapêutico foi utilizado como ferramenta de intervenção. Nesse processo, buscou-se identificar padrões passíveis de reprodução e critérios de prática ética.

RESULTADOS

A Figura 1 foi elaborada a partir da construção de uma Tabela com informações de todos os artigos obtidos através da busca realizada nas revistas científicas: RBTCC; Perspectivas; REBAC e Behavior and Social Issues.

Figura 1

Triagem e exclusão de estudos para revisão



Inicialmente, 79 estudos foram encontrados nas quatro revistas, a partir dos termos: “vínculo terapêutico”, “aliança terapêutica”, “relação terapêutica” e “intervenção clínica”. Dos 79, um foi excluído por ser repetido. Todos os artigos tiveram os títulos e resumos analisados, restando dessa análise, cinco artigos. Os cinco artigos foram lidos na íntegra. A maior parte dos artigos foi visualizada quando colocado o termo "intervenção clínica".

Dos cinco artigos, dois eram da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva: Weeks e colaboradores (2022), Villas Bôas e Vandenberghe (2025); dois da Perspectivas em Análise do Comportamento: Assi e Thieme (2020), Vandenberghe (2023); e um da Revista Brasileira de Análise do Comportamento: Leugi (2024).

Dos cinco artigos, três deles eram sobre Psicoterapia Funcional Analítica (FAP), que descreviam o funcionamento da FAP (Weeks et al., 2022), aspectos teóricos e de expansão da

sua prática para diversos grupos sociais (Vandenberghe, 2023) e habilidades para terapeutas contextuais iniciantes (Leugi, 2024).

Dos cinco artigos, quatro deles eram teóricos: Weeks et. al (2022), Villas Bôas e Vandenberghe, (2025), Vandenberghe (2023) e Leugi (2024). O único artigo experimental, de Assi e Thieme (2020) investigou uma questão que tem sido muito discutida, principalmente, desde a liberação dos atendimentos *on-line*, em função da Pandemia de Covid-19, em 2020: o estabelecimento de vínculo terapêutico durante a psicoterapia remota online. Segundo esse autor, a relação terapêutica na psicoterapia remota seria uma relação de ajuda, predominante por comportamento verbal e com audiência não-punitiva. Os resultados do experimento indicam que o estabelecimento do vínculo na psicoterapia remota é adversa quando há falta de privacidade na presença de familiares. Frente a falta de privacidade, a psicoterapia remota, nem deveria ser realizada (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2024).

Para driblar a questão da dificuldade de privacidade, os participantes da pesquisa indicavam terem falhas técnicas para a participação na pesquisa e tais indicações poderiam ser indicativas de respostas de esquiva e fuga do atendimento psicoterápico remoto, segundo os autores. Concluem que para o atendimento remoto ser realizado, o ambiente online precisa ter uma boa conexão, sem oscilações frequentes e privacidade é essencial.

O outro artigo que não é sobre FAP, é de Villas Bôas e Vandenberghe, (2025) e traz uma discussão importante no estabelecimento e manutenção da relação terapêutica: como e por que respostas encobertas do psicoterapeuta podem dificultar ou auxiliar na condução do caso clínico para otimizar o processo e beneficiar o cliente. É um artigo teórico que descreve a relação terapêutica como um fluxo de interações entre psicoterapeuta e cliente, durante o qual um se comporta parcialmente sob controle do comportamento do outro. Segundo os autores, o terapeuta atento aos seus sentimentos e pensamentos pode desenvolver uma melhor conceituação do caso e uma maior chance de tomar melhores decisões clínicas (Villas Bôas & Vandenberghe, 2025).

DISCUSSÃO

O termo "intervenção clínica" acabou sendo um termo muito amplo, já que os artigos que foram obtidos a partir desse termo, acabaram não sendo selecionados, pois faziam referência a diversos tipos de intervenção, mas sem fazer referência a relação terapêutica.

A análise dos cinco artigos selecionados expôs certa predominância da Psicoterapia Funcional Analítica (Kohlenberg & Tsai, 1991/2001) como provável estrutura teórica e técnica central para o uso do vínculo como ferramenta de intervenção clínica. Em todos os artigos que abordaram diretamente os conceitos da FAP, destacou-se a importância de uma audiência não-punitiva e responsabilidade cultural como variáveis que moldam a relação terapêutica.

Apesar de majoritariamente teóricos, os trabalhos enfatizam a importância da atenção aos próprios comportamentos (inclusive os encobertos) por parte do terapeuta, assim como as contingências estabelecidas em sessão. Correlacionando os 5 artigos selecionados para essa revisão, é possível enxergar uma linearidade entre eles. O artigo de Leugi (2024) oferece uma base introdutória para o terapeuta comportamental contextual iniciante, destacando a importância de se construir vínculos terapêuticos ativos e desenvolver e aprimorar sensibilidade funcional para interagir com o cliente ao mesmo tempo que consegue interpretar o comportamento verbal dele.

Essa ênfase se conecta diretamente com a proposta de Weeks et. al (2022), que estrutura uma interação de cliente-terapeuta baseada em reforço positivo e identificação de comportamentos clinicamente relevantes (CRB) num contexto imediato, em sessão, sem impedir o terapeuta de atuar de forma responsiva. A responsividade terapêutica foi aprofundada em Vandenberghe (2023), propondo a utilização da FAP como uma ferramenta culturalmente sensível, discutindo como a prática clínica deve se adaptar à diversidade cultural dos clientes. O autor coloca a escuta ativa das experiências, valores e repertório do outro não apenas como questão ética, mas como questão técnica do atendimento.

O artigo de Assi e Thieme (2020) traz um contraponto prático, ao analisar um estudo de caso de psicoterapia *on-line*, evidenciando desafios técnicos e contextuais que afetam o estabelecimento de vínculo terapêutico especificamente nesse formato de atendimento. As análises funcionais dos atendimentos demonstraram que fatores externos, como o ambiente em que o cliente está, e a má qualidade de conexão podem funcionar como estímulos aversivos ou discriminativos para respostas de esquiva, o que atrasaria o estabelecimento e fortalecimento de vínculo. Mesmo que não tenham abordado diretamente conceitos da Psicoterapia Funcional Analítica (FAP), a análise enfatizou a importância de manejar variáveis contextuais com sensibilidade e competência técnica, trazendo a relação terapêutica como tema central do campo de intervenção.

A perspectiva de vínculo como ferramenta de intervenção é reforçada em Villas Bôas e Vandenberghe (2025), considerando respostas encobertas do terapeuta como dados clínicos relevantes para análise. O manejo racional destas respostas permite o terapeuta de compreender melhor as contingências daquela relação e que mantêm comportamentos clinicamente relevantes do cliente, favorecendo intervenções mais precisas e individualmente adaptadas.

A análise integrada dos cinco artigos demonstra consonância teórica e clínica sobre os conceitos de vínculo terapêutico e da utilização dele como ferramenta ativa de intervenção. A Psicoterapia Funcional Analítica se destaca como modelo de intervenção e análise, induzindo o terapeuta a atuar de forma sensível, ética e adaptada. Os dados, tanto teóricos como práticos, sugerem que o aprimoramento da escuta funcional, responsividade cultural e manejo das próprias experiências internas do terapeuta são aspectos essenciais para o desenvolvimento e aplicação de intervenções efetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função da pequena quantidade de artigos identificados, no período investigado, em revistas importantes para a fundamentação e a pesquisa da Terapia Analítico Comportamental e das Terapias Contextuais, sugerimos que mais pesquisas precisam ser realizadas. Precisamos de artigos teóricos que debatam, descrevam e sistematizem essas práticas, mas isso só será possível através da realização de investigações experimentais ou descritivas de comportamentos emitidos por terapeutas e clientes dentro da relação terapêutica e enfocando variáveis presentes nela. Para isso, precisamos superar as barreiras tecnológicas que dificultam o acesso direto aos comportamentos emitidos por clientes e terapeutas durante o processo psicoterápico.

As habilidades necessárias para um bom estabelecimento e manutenção da relação terapêutica devem ser treinadas constantemente. O terapeuta, aquele que possui conhecimento teórico e técnico sobre o funcionamento das práticas psicoterápicas, devem avaliar suas habilidades na formação de vínculos e a na sua formação enquanto psicoterapeuta. Assim, pesquisas para o desenvolvimento e manutenção dessas habilidades, sempre precisam ser feitas e divulgadas.

REFERÊNCIAS

- Assi, G., & Thieme, A. L. (2020). Desafios na psicoterapia online: Reflexões a partir de um relato de caso de uma paciente com ansiedade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 10(2), Artigo 2. <https://doi.org/10.18761/PAC.2019.v10.n2.06>
- Baum, W. M. (1999). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, Cultura e Evolução* (F. A. Cassas & D. Bueno, Trans.). Artmed. (Trabalho original publicado em 1994)
- Brandão, M. Z. da S. (2000). Os Sentimentos na Interação Terapeuta-Cliente como Recurso para Análise Clínica. Em R. R. Kerbauy (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição* (V. 5, p. 222–228). ESETec.
- Cunha, O. R. da, & Vandenberghe, L. M. A. (2023). O que Terapeutas Comportamentais Aprendem para sua Prática Clínica na Relação Terapêutica? *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(1), Artigo 1. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.75313>
- Delitti, M. (2005). A Relação Terapêutica na Terapia Comportamental. Em H. J. Guilhardi & N. C. de Aguirre (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a Variabilidade* (V. 15, p. 360–369). ESETec.
- dos Santos, M. A. (1994). A transferência na clínica psicanalística: A abordagem freudiana. *Temas em Psicologia*, 2(2), 13–27. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X1994000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Ferreira, R. R., Santos, D. R. dos, Carvalho, F. A., & Soares, M. R. Z. (2016). Clínica Analítico-Comportamental no Brasil: Histórico, Treinamento e Supervisão. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), Artigo 2. <https://doi.org/10.18761/pac.2016.001>
- Galvão, T. F., Pansani, T. de S. A., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24, 335–342. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (2001). *Psicoterapia analítica funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas* (R. R. Kerbauy, Trad.). ESETec. (Trabalho original publicado em 1991)
- Leugi, G. B. (2024). Tornar-se terapeuta comportamental contextual: Habilidades e dicas para iniciantes. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 20. <https://doi.org/10.18542/rebac.v20i0.16462>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2022). A declaração PRISMA 2020: Diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 31. <https://doi.org/10.1590/s1679-49742022000200033>

- Regulamenta o exercício profissional da Psicologia mediado por Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) em território nacional e revoga as Resolução CFP nº 11, de 11 de maio de 2018, e Resolução CFP nº 04, de 26 de março de 2020, Legislação N. 9 (2024). <https://leis.org/institucionais/br/cfp/lei/resolucao-do-exercicio-profissional/2024/9/resolucao-do-exercicio-profissional-n-9-2024-regulamenta-o-exercicio-profissional-da-psicologia-mediado-por-tecnologias-digitais-da-informacao-e-da-comunicacao-tdics-em-territorio-nacional-e-revoga-as-resolucao-cfp-no-11-de-11-de-maio-de-2018-e-resolucao-cfp-no-04-de-26-de-marco-de-2020>
- Santos, S. P. dos. (2017). *Construção da Relação Terapêutica no Contexto da Análise Comportamental Clínica* [Monografia, Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento]. <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2018/02/Silvana-Pereira-dos-Santos-Monografia-FACC.pdf>
- Silveira, J. M. da, & Kerbaux, R. R. (2000). A Interação Terapeuta-Cliente: Uma Investigação com Base na Queixa Clínica. Em R. R. Kerbaux (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição* (V. 5, p. 213–221). ESETec.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Vandenberghe, L. M. A. (2023). O potencial da FAP como terapia culturalmente responsiva. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 042–052. <https://doi.org/10.18761/vecc191022>
- Vandenberghe, L. M. A., & Pereira, M. B. (2005). O Papel da Intimidade na Relação Terapêutica: Uma Revisão Teórica à Luz da Análise Clínica do Comportamento. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 7(1), 127–136. <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1031>
- Villas Bôas, A., & Vandenberghe, L. M. A. (2025). COMO RESPOSTAS ENCOBERTAS DO PSICOTERAPEUTA PODEM DIFICULTAR OU AUXILIAR NA CONDUÇÃO DO CASO CLÍNICO. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 27, e251995–e251995. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v27i1.1995>
- Weeks, C. E., Kanter, J. W., Bonow, J. T., Busch, A. M., & Landes, S. J. (2022). Traduzindo a teoria para a prática: Uma estrutura lógica de interações de psicoterapia analítica funcional para pesquisa, treinamento e fins clínicos: (J. C. Favati, M. S. Sartor, E. F. Silva, & C. K. B. Oshiro, Trad.) (J. C. Favati, M. S. Sartor, E. F. Silva, & C. K. B. Oshiro, Trans.). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 24, 1–33. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v24i1.1789>
- Wielenska, R. C. (2012). O Papel da Relação Terapeuta-Cliente para a Adesão ao Tratamento e à Mudança Comportamental. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Clínica Analítico-Comportamental: Aspectos Teóricos e Práticos* (p. 160–165). Artmed.
- Zamignami, D. R. (2000). O Caso Clínico e a Pessoa do Terapeuta. Em R. R. Kerbaux (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição* (V. 5, p. 234–243). ESETec.